

CUORE E O ATENEU, DA ESCOLA PARA O MUNDO OU VICE VERSA CUORE E O ATENEU, DELLA SCUOLA AL MONDO O VICEVERSA

Heloisa Souza Pinto Netto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
heloisaspnetto@hotmail.com

RESUMO

Cuore, de Edmondo De Amicis (1846-1908), uma obra de caráter formativo publicada na Itália, em 1886, inspirou diversos autores brasileiros que a tomaram como modelo de literatura voltada à formação de jovens em idade escolar. A presença de *Cuore* se fez notar também no romance *O Ateneu (Crônica de saudades)*, de Raul Pompeia (1863-1895), publicado em 1888, e que retrata a história inquietante de um garoto interno no colégio que dá nome ao livro. A proximidade entre as primeiras edições de uma e outra obra, aliada ao fato de que a distância entre Itália e Brasil pode ser tomada como um possível entrave àquela época para que se afirme o contato do autor brasileiro com a obra de De Amicis, perde sua dimensão ao longo de um exame mais minucioso das obras em questão. Um olhar cuidadoso sobre *O Ateneu* possibilita identificar tênues laços entre as duas obras. Este é o propósito do trabalho aqui apresentado.

Palavras-chave: diário, lembranças, mudanças sociais

RIASSUNTO

Cuore, di Edmondo De Amicis (1846-1908), un'opera di carattere formativo che è stata pubblicata in Italia nel 1886, ha ispirato molti autori brasiliani che l'hanno presa per modello di letteratura per i giovani in età scolastica. La presenza del *Cuore* si fa notare anche nel romanzo *O Ateneu (Crônica de saudades)*, di Raul Pompeia (1863-1895), pubblicata nel 1888. L'opera *O Ateneu* racconta una storia inquietante di un studente della scuola che dà al libro il suo nome. La prossimità delle prime edizioni di uno e l'altro lavoro, insieme al fatto che la distanza tra l'Italia e il Brasile è grande, può essere preso come un possibile ostacolo a quel momento per affermare che l'autore brasiliano ha avuto contatto con l'opera di De Amicis. Ma questi sono punti che perdono la loro importanza durante un più attento esame delle opere in questione. Uno sguardo attento al *O Ateneu* consente di identificare i legami tenui tra le due opere. Questo è lo scopo del lavoro qui presentato.

Parole chiavi: diário, ricordi, trasformazione sociale

1. O SUCESSO DE CUORE

Escrito para ser lido principalmente na rede escolar italiana, o livro *Cuore* obteve maior sucesso primeiramente fora da escola. Antônio Faeti comenta que a obra traduziu em suas páginas a realidade social do país naquele instante; os leitores foram “atraídos pelos protagonistas operários, artífices, pedreiros, ofendidos do trabalho, pelas condições de vida das classes subalternas” (MORETTI, 2009, p. 143). Talvez por isso a obra fosse de uso sucessivo “nas bibliotecas das seções socialistas em que sempre se achava em companhia de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo [...]” (FAETI in MORETTI, 2009, p.143). É necessário lembrar que aquele era um momento de grande expectativa de renascimento social na Itália.

O livro *Cuore* compreende o diário de Enrico, um estudante que cursa a terceira série de uma escola municipal da cidade italiana de Turim, nos anos de 1881 e 1882. A sugestão do diário partiu de seu pai, que é quem corrige as anotações do garoto. É composto por dez partes que correspondem ao período

escolástico, que vai de outubro a julho. Cada mês subdivide-se em vários capítulos, e em cada um destes meses, à exceção de julho, encontramos pequenos enredos que levam o nome de ‘conto mensal’. Ao longo de todo o livro, o protagonista é confrontado com situações em que é preciso escolher como deve ou não ser, agir e pensar. Na prescrição das virtudes, a serem adotadas na vida pessoal e social, o autor se refere àquelas reprovadas pela sociedade.

O recurso utilizado por De Amicis para que a grande massa de leitores aprovasse e aderisse a um projeto de formação de uma verdadeira nação italiana foi, sem dúvida, o forte componente emocional. Os jovens leitores deveriam ser conquistados pelo coração, para que abraçassem a causa nacional. A obra, até os dias atuais, vem suscitando reações diversas, muitos a renegam por considerá-la de forte apelo sentimental, mas não há como negar a importância histórica de *Cuore* como propagador de valores que apontavam para a necessidade de constituição de uma identidade nacional, de uma nação una, de princípios morais que norteassem o estado recém-unificado. O propósito do autor era realmente sensibilizar os leitores juvenis através de passagens de grande apelo emocional, despertando-lhes o ideal maior de amor à pátria, tomando por esteio a família, célula principal da sociedade. *Cuore*, além de ter sido um livro de leitura com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica, cumpriu um papel social importante no que diz respeito à integração cultural e uniformização da língua falada no território italiano.

O uso do *Cuore* no sistema escolar foi de reconhecido valor formativo, alcançando sucesso não só na Itália, mas no resto da Europa e também na América. Foram 40 edições nos dois primeiros meses e meio, ao fim de dez anos alcançava o expressivo número de 197 edições. Até meados do século XX, a história contada pelo menino Enrico Bottini foi traduzida em outros quarenta idiomas, o que vem a corroborar o seu êxito. *Cuore* é considerado o produto mais notável da ação educativa pós-unificação italiana, a ele seguiram-se outras obras, sem que, entretanto, tenham tido tamanha repercussão.

No Brasil, o processo de instalação da República despertou sentimentos semelhantes aos do contexto italiano, a valorização da pátria, a necessidade de afirmação do Estado e a noção da importância de uma educação laica faziam parte da ordem geral. Neste sentido a recepção de *Cuore*, ou *Coração*, não poderia ser diferente, um grande sucesso. O livro de De Amicis inspirou muitos autores e obras foram publicadas aos moldes da italiana. Alguns destes autores, e provavelmente dos leitores em geral, talvez tenham lido *Cuore* antes mesmo da publicação em tradução brasileira, certamente a portuguesa ou a francesa, além da original italiana, circularam no Brasil antes de 1891, data da primeira edição realizada no país.

2. AS REMINISCÊNCIAS DE RAUL POMPEIA

Publicado sob a forma de folhetins no jornal carioca *Gazeta de notícias* em 1888, *O Ateneu (Crônica de saudades)*, escrito por Raul d'Ávila Pompeia (1863-1895), traz a história de Sérgio, um menino de 11 anos, no período em que esteve em regime de internato no colégio que dá nome à obra. A

escola é dirigida por Aristarco Argolo de Ramos¹, cujas posições firmes e sua conduta moralista e disciplinadora encobrem a rede de relacionamentos pautada por ambição, hipocrisia e injustiça que toma conta daquele mundo escolar. A experiência de socialização do menino o conduz ao amadurecimento, mas isso ocorre mediante vias de doloroso sofrimento. Evocando a imagem do Império em seus estertores, a obra se concentra no universo escolar reproduzindo o momento da transição do menino que amadurece e se transforma em homem, em clara alusão ao processo de mudança de regime, imperial para republicano, que logo se efetivaria.

A obra *O Ateneu* é frequentemente analisada como um romance autobiográfico, por vezes, até com certo rigor. Não há como discordar totalmente deste argumento, a biografia de Raul Pompéia realmente se aproxima do enredo do livro, o ambiente retratado corresponde de maneira muito singular ao do Colégio Abílio, importante instituição do Rio de Janeiro para onde os jovens oriundos de famílias da oligarquia eram levados a fim de que tivessem uma formação adequada. Foi lá que estudou o autor entre os anos de 1873 e 1878.

Uma das análises que exageraram na vinculação entre enredo e vida do autor se deu por parte de Mário de Andrade. O paulista entendia que se tratava de uma obra que representava uma espécie de vingança do autor em relação ao período, para ele sombrio, em que viveu interno no Colégio Abílio: “É curioso observar que fazendo da vida colegial do protagonista Sérgio uma tragédia sem remanso, Raul Pompéia não tenha sequer um momento de revolta contra o pai que o encafuou lá” (ANDRADE, p. 174). Ainda que considerasse *O Ateneu* uma obra-prima, Mário de Andrade apontou muito mais aspectos negativos na obra do que positivos, sendo os primeiros vinculados à aproximação por ele ventilada entre a vida do autor e a obra.

Raul Pompeia tinha um temperamento exaltado, agressivo, no entanto, sua impetuosidade relacionava-se à política, da qual participou efetivamente através de textos combativos de espírito altamente crítico. Republicano convicto, não poupava a figura de D. Pedro II. Para o autor de *O Ateneu*, o imperador esteve sempre obcecado pela preocupação em parecer bem à Europa e voltado de costas ao Brasil. Atacando principalmente o elemento português, Pompeia entendia que a presença de estrangeiros estava a serviço de interesses econômicos que corroíam o país. O sentimento antiportuguês repetiu-se em vários momentos da história brasileira, geralmente associado ao controle do comércio por parte dos lusitanos. Raul Pompeia, que compartilhava deste pensamento, acreditava que a comunidade comercial portuguesa era responsável pela enfermidade do civismo brasileiro.

Com o advento da República, tornou-se ferrenho admirador do presidente Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, o segundo presidente republicano, reconhecido pela historiografia como o primeiro grande líder político popular da história brasileira. Seus seguidores eram militares e civis, chamados de florianistas ou jacobinos, sendo que o que os distinguia era a opção, ou não, por ações violentas nas ruas.

Afinado com o jacobinismo, Raul Pompeia participou de comícios e também protagonizou polêmicas – a mais famosa delas com o poeta Olavo Bilac, a quem desafiou para um duelo de espadas que

¹ Ao descrever Aristarco Argolo de Ramos, Raul Pompeia traz informações que remetem à figura de Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, do famoso Colégio Abílio, RJ.

não chegou a acontecer. Tendo sido nomeado diretor da Biblioteca Nacional, em 1894, foi demitido no ano seguinte, acusado de desacatar o então novo Presidente da República, Prudente de Moraes, fato ocorrido durante o enterro de Floriano Peixoto. A conduta de Pompeia foi duramente criticada por Luís Murat em artigo contundente no qual o jornalista apoiou sua demissão e insinuou covardia no desfecho do duelo com Bilac. Deprimido, no Natal de 1895, o autor de *O Ateneu* suicidou-se com um tiro.

Raul Pompeia era um sujeito instável, complicado, e também culto, preparado, um homem que conhecia várias línguas, lia muitos autores. Ainda que apenas dois anos tenham separado as publicações de *Cuore* e *O Ateneu*, e mais, que a primeira tenha sido escrita por um italiano para o leitor escolar do seu país. Devido ao seu grande sucesso e propagação rápida, é muito possível que Pompeia tenha tido contato com a singela história de Enrico e que algo dela tenha lhe servido de inspiração. Este trabalho pretende trazer à luz alguns pontos que reforçam a ideia de que o autor de *O Ateneu*, embora dando um caráter diverso à sua obra, leu o *Cuore*, absorvendo elementos do universo forjado por De Amicis e recriando-os no mundo escolar por ele composto.

3. O LEITOR DE *CUORE*

A história de *Cuore* se passa em um ano escolar numa sequência de episódios – dispostos na forma de um diário – que podem ser vistos de maneira independente, já que não há um nó central na obra com o conseqüente desenlace. Os acontecimentos giram em torno de alguns alunos, o protagonista Enrico e seus colegas da Escola Baretta, e quase sempre participam também seus familiares, os professores e o diretor. As situações criadas procuram valorizar os bons sentimentos, como amizade, honestidade, respeito, companheirismo, fraternidade. A presença na trama das famílias dos meninos serve normalmente para discussões de teor social ou econômico, escopo principal da obra de De Amicis. A ênfase sobre a igualdade social é evidente e qualquer sinal de tensão entre as classes é ignorado. Por outro lado, o olhar sobre a classe empobrecida e sobre o trabalhador simples é atravessado por um excessivo espírito de compaixão.

Enrico narra no momento presente; entretanto, no início da obra uma apresentação dá outro tom à narrativa: o menino é estimulado pelo pai a escrever sua experiência durante um ano escolar, mas ao final deste período seu pai corrigirá suas anotações e, posteriormente, o próprio rapazinho acrescentará detalhes valendo-se da proximidade com os acontecimentos.

E, ao dizer que foi escrita por um aluno da terceira série, não quer dizer que tenha sido escrita propriamente por ele, tal como está impressa. Ele ia anotando num caderno, do jeito que sabia, aquilo que havia visto, sentido, pensado, dentro e fora da escola. E, no fim do ano, seu pai corrigiu aquelas anotações, cuidando para não alterar as ideias, e conservar, tanto quanto possível, as palavras do filho. Então, quatro anos depois, já no Ensino Médio, o menino releu o caderno e acrescentou alguma coisa de pessoal, valendo-se da lembrança ainda fresca das pessoas e das coisas (DE AMICIS, 2011, p. 11).

De Amicis solucionou de forma hábil um problema: a linguagem adotada é culta, exagerada para um menino por volta de onze anos, mas justifica-se já que seu pai efetuou a dita correção. Por sua vez, a linguagem empregada por Raul Pompeia é rebuscada, recheada de metáforas e inversões da construção sintática. A grandiloquência impressa em seu texto pode ser de certa forma relacionada com a posição em que se encontra o narrador e com sua condição social ou mesmo remeter à ostentação imperial.

Em *O Ateneu – Crônica de saudades*, a história cumpre o tempo de dois anos e a sucessão de acontecimentos obedece ao ponto de vista do narrador moldado por sua memória. Como bem sugere o subtítulo, Sérgio narra suas lembranças escolares, mas o protagonista faz isso já depois de adulto, ou seja, o olhar posto é outro, não mais do menino, e vem com toda a carga emocional própria da maturidade. O narrador já afastado emprega sua visão de adulto ao refletir sobre a vivência do passado, é o entendimento do presente sobre lembranças para ele decepcionantes. O tempo transcorrido no espaço do internato, que representa a passagem do menino para a condição de homem e que também evoca a transição de regime, imperial para republicano, se encerra com o incêndio da escola, imagem alegórica da queda do Império. Não se trata, no entanto, do desenlace de um nó anteriormente dado, é o fim de um ciclo que vinha sendo apresentado em diversos quadros. E é também um começo: da nova condição de Sérgio, agora preparado para o mundo fora do internato, e da nação, dentro da nova ordem política ambicionada prestes a se efetivar.

Já nos capítulos iniciais da obra de Raul Pompeia é possível reconhecer² uma referência ao *Cuore*. Um dado interessante é o tom irônico – marcado em itálico – usado pelo narrador para se referir às singelas histórias narradas por meninos, nas quais eram evitados registros de episódios que não servissem ao propósito formativo.

Se em pequeno, movido por um vislumbre de luminosa prudência, enquanto aplicavam-se os outros à peteca, eu me houvesse entregado ao manso labor de fabricar documentos autobiográficos, para a oportuna confecção de mais uma *infância célebre*, certo não registraria, entre os meus episódios de predestinado, o caso banal da natação, de consequências, entretanto, para mim, a origem de dissabores como jamais encontrei tão amargos (POMPEIA, 1997, p. 32).

O autor quer distanciar sua obra da possível classificação “doce história juvenil”, o que de fato consegue; *O Ateneu* tem por ambiente a escola, mas seu enredo trata de questões essencialmente humanas – com todas as contradições advindas desta condição – dispostas sobre um pano de fundo alegórico que traz a junção das imagens de Ateneu e Império.

Os dois ambientes escolares são descritos com detalhes, no entanto em *O Ateneu* a estrutura física adquire maior importância que em *Cuore*; o colégio é parte constituinte da narrativa e toma quase a feição de uma personagem, que fiscaliza, julga e recrimina.

² A ligação pode ser também com *Le Tour de la France par deux enfants*, obra francesa de 1877, G. Bruno, pseudônimo de Augustine Fouillé, que fazia muito sucesso à época em toda a Europa.

O edifício fora caiado e pintado durante as férias, como os navios que aproveitam o descanso nos portos para uma reforma de apresentação. Das paredes pendiam cartas geográficas, que eu me comprazia de ver como um itinerário de grandes viagens planejadas. Havia estampas coloridas em molduras negras, assuntos de história santa e desenho grosseiro, ou exemplares zoológicos e botânicos, que me revelavam direções de aplicação estudiosa em que eu contava triunfar. Outros quadros vidraçados exibiam sonoramente regras morais e conselhos muito meus conhecidos de amor à verdade, aos pais, e temor a Deus, que estranhei como um código de redundância. Entre os quadros, muitos relativos ao mestre – os mais numerosos; e se esforçavam todos por arvorar o mestre em entidade incorpórea, argamassada de pura essência de amor e suspiros cortantes de sacrifício, ensinando-me a didascalotria que eu, de mim para mim, devotamente, jurava desempenhar à risca (POMPEIA, 1997, p. 23).

A descrição dos professores e dos alunos – e no caso de *Cuore* também de muitos dos familiares dos meninos – é outro aspecto importante que serve, muitas vezes, como paradigma na construção das relações. Na obra de De Amicis, é visível a simpatia pelos de baixo, sendo que o esforço despendido na obtenção do ganha-pão e a sobrevivência em condições adversas – verdadeiros trunfos da classe empobrecida – são frequentemente exaltados pela família de Enrico e por seus professores, transformando-se em motivos para o estabelecimento de elos afetivos. Desta forma, as marcas físicas, os problemas de saúde, as vestimentas simples, aliados às condições de vida tem grande relevância no curso da história. E ainda que a família de Enrico tenha uma cômoda posição social, um colega apenas figura como oriundo da elite: é Nóbis, que age com soberba, sendo por isso criticado ao longo do diário de Enrico. Seu pai, entretanto, condena suas atitudes, forçando, inclusive, a retratação do filho após uma ofensa dirigida ao colega filho de um carvoeiro, ao qual chamara de esfarrapado “Peça desculpas a ele, repita minhas palavras: “Eu lhe peço desculpas pela palavra injuriosa, insensata, imoral que pronunciei contra seu pai, a quem o meu tem a honra de apertar a mão” (DE AMICIS, 2011, p. 42). Os meninos, a pedido do pai de Nóbis, foram colocados lado a lado no banco da escola.

Em *O Ateneu*, a descrição inicial dos alunos feita pelo colega Rebelo está perfeitamente de acordo com o tom que vai adquirir a história: crítico e ácido, e vai servir de esteio para as futuras relações de Sérgio dentro do colégio. Os estudantes são adjetivados majoritariamente de forma negativa e de acordo com os papéis desempenhados dentro da estrutura viciada do Ateneu. A advertência do rapaz já experiente no internato é clara e preconiza a individualidade e a independência “Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se [...] Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista” (POMPEIA, 1997, p. 28).

Apesar dos avisos de Rebelo, Sérgio depois de certo tempo no internato sente-se acuado e não resiste à aproximação e à proteção de Sanches. A presença impositiva do colega transforma-se paulatinamente em repulsa “só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo” (*idem*, p.41). Ao se afastar de Sanches, Sérgio acaba por se aproximar do pobre Franco, aluno por todos hostilizado e refém da dura disciplina imposta aos estudantes, assunto tratado com acuidade mais à frente. Sérgio passa a ver o silencioso colega “como arreçado de todos, tristonho, de uma melancolia parente da imbecilidade; tinha

acessos refreados de raiva, queixas que não sabia formular” (*ibidem*, p.51).

Já para o diretor Aristarco, é principalmente a condição econômica que determina as relações, ele se comporta diferentemente em relação aos alunos, suas ações são conduzidas conforme a posição social e financeira da família.

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmagô de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discretas das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois semestres atrasado (POMPEIA, 1997, p.23).

Enquanto o Ateneu é uma escola modelo formadora de homens fortes e recebe em suas fileiras filhos da oligarquia que paga um alto custo pela educação da prole, a escola pública Baretto está aberta a todo estudante italiano, independente de sua origem social. Desta forma, o contingente de alunos da escola italiana é bastante diversificado, ali estudam filhos de operários, de trabalhadores informais, de empresários e profissionais liberais. Enrico descreve assim sua chegada à escola, no primeiro dia de aulas:

Foi difícil entrar. Senhoras, senhores, mulheres do povo, operários, oficiais, avós, empregadas, todos segurando garotos numa das mãos e as cadernetas escolares na outra, atravancando o salão de entrada e as escadarias, fazendo um barulho parecido com o saguão de um teatro. Revi com prazer aquele grande vestíbulo no térreo, com as portas das sete salas, onde passei quase todos os dias durante três anos (DE AMICIS, 2011, p. 15).

No Ateneu, muitos dos alunos são oriundos de famílias proprietárias de terras nas províncias que seguem para a capital para lá estudarem em regime de internato, satisfazendo o diretor com “a afluência dos estudantes ricos para seu instituto”.

[...] não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu (POMPEIA, 1997, p. 13).

Na escola Baretto, também se matriculam estudantes de outras regiões, mas este detalhe é inserido na trama com o intuito de fomentar a integração nacional, diminuindo diferenças culturais e marcas de classe social – como o menino da Calábria que vai estudar no norte, ou seja, sai da região empobrecida e tida como mais atrasada e vai para o norte desenvolvido e industrializado. Este fato é exaltado, mas não se

trata de êxodo econômico puro e simples, é o intercâmbio possível e sugerido pelo autor com o sentido de valorização do país como um todo. A chegada do garoto calabrês é saudada pelo professor.

Ele nasceu numa terra gloriosa, que deu à Itália homens ilustres, e lhe dá trabalhadores fortes e soldados corajosos; ele chega de uma das mais lindas regiões de nossa pátria, onde existem grandes florestas e grandes montanhas, habitadas por um povo cheio de engenho e coragem. Aprendam a gostar dele, de modo que não se sinta longe da cidade onde nasceu; mostrem a ele que um jovem italiano, em qualquer escola italiana onde entre, encontra irmãos (DE AMICIS, 2011, p. 20).

A vivência no Ateneu para Sérgio é melancólica, o mundo da infância no seio familiar era doce, a dura passagem pelo internato, entretanto, lhe mostrou a outra face das relações sociais, permeadas por interesses e hipocrisia. A angústia e a tristeza advindas da disciplina rígida, da severidade do diretor atrelada à violência psicológica, das alianças de poder e proteção, só são quebradas pela presença de Ema, a esposa do diretor, o idílio ligado à infância que paulatinamente adquire feição de idolatria com suaves traços de erotização. Há que se lembrar de que a narração é feita por Sérgio já adulto, o que certamente modifica o seu olhar em relação ao feminino.

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se o jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso e mole que o corpo alternava. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me [...] Olhei furtivamente para a senhora. Ela conservava sobre mim as grandes pupilas negras, lúcidas, numa expressão de infinita bondade! Que boa mãe para os meninos, pensava eu (POMPEIA, 1997, p. 20, 21).

Uma das figuras femininas relevantes na obra italiana é a da primeira professora de Enrico, a doce mestra é retratada como protetora, conselheira, verdadeira mãe dos pequenos alunos. Ela costuma visitar sua casa, o que demonstra a valorização por parte do autor da relação família-escola. Sua presença no enredo adquire a feição de nobre exemplo: ela é extremamente dedicada à sua tarefa de professora, sacrificando sua vida em nome da vocação.

Ontem de manhã, o diretor veio anunciar na escola. E disse: “Os que foram seus alunos sabem como ela era boa, como gostava dos meninos, era mãe para eles. Não está mais conosco. Há tempos uma doença terrível a consumia: se não precisasse trabalhar para ganhar o pão, poderia ter se tratado e, quem sabe, se curado. Pelo menos, teria prolongado a vida por alguns meses, se tivesse tirado férias. Porém, preferiu ficar com os estudantes até o último dia. Na tarde de sábado, dia 17, despediu-se deles, com a certeza de não voltar a vê-los: deu bons conselhos, beijou todos e foi embora, soluçando” (DE AMICIS, 2011, p.309).

A função de professor, em *Cuore*, é exaltada constantemente e a ligação escola-família é colocada como essencial para o funcionamento da sociedade idealizada por De Amicis. Além disso, no caso da professora morta, o trabalho – mesmo que neste episódio tenha sido responsável pelo apressamento do óbito – é tomado como meio de sublimação.

A esposa de Aristarco, Ema, entre a ternura materna e a condição feminina, ocupa uma posição intermediária em relação aos meninos dentro da estrutura do Ateneu, ao passo que a distância estabelecida entre a direção e os alunos é prerrogativa do bom funcionamento da instituição. No microcosmo representado pelo colégio existem duas forças: a oficial, representada por Aristarco, o diretor, que é quem se situa no alto da hierarquia escolar e mantém a ordem através da disciplina rigorosa e da sujeição dos comandados, e a representada pelos alunos, que compoem outra hierarquia, em versão paralela à oficial (mas também mediada pela força), reagem à imposição do comando e organizam as relações. Os pais – e isso fica bem claro no que diz respeito a Sérgio – creem na hierarquia oficial e na sua eficiência moldadora de caráter.

No conjunto hierárquico diretivo, no entanto, há um professor que transita bem entre as duas forças: é Cláudio, que vê a estrutura paralela como verdadeira e o internato como “a escola da sociedade” (POMPEIA, 1997, p.130). Para Cláudio, o microcosmo representado pelo Ateneu reproduz a sociedade na qual está inserido em seus aspectos diversos: “não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete” (*idem*, p.131), afirma o professor em uma de suas preleções. A visão do professor se aproxima à do narrador; Sérgio, ao longo da narrativa, perde a ingenuidade e seu entendimento do mundo passa a ser similar ao de seu mestre, aos poucos o jovem aprende a se movimentar de acordo com as circunstâncias.

Na escola italiana, não é possível reconhecer choque entre forças, uma hierarquia única compreende todo o mundo escolar e é compartilhada naturalmente e de maneira respeitosa por todos seus integrantes. O professor de Enrico estabelece a mediação entre alunos e direção, o que de certa forma o aproxima da figura do professor Cláudio, de *O Ateneu*. A ótica de Enrico não difere da ótica oficial, seus juízos de valor estão de acordo com o pensamento geral, o jovem toma para si os ideais de seu pai, de seus professores, de sua mãe, sem questioná-los, ele conforma-se com as regras que lhe são impostas e age como um bom menino.

A noção de união e de força que perpassa a obra de De Amicis está de acordo com o momento italiano, o da criação da nação. Neste sentido, é compreensível o esforço do escritor em tentar forjar a sociedade ideal a partir da escola, inserindo indivíduos de classes diferentes, de regiões distintas da Itália, todos movidos por um ideal fraterno numa sublimação de bons sentimentos. O escritor, de acordo com sua vocação socialista, projeta um modelo de sociedade exemplar, e em função deste propósito insere problemas sociais como alcoolismo, violência contra a criança, delinquência infantil, vinculando-os à adaptação ou não ao molde idealizado. O indivíduo que infringe as regras desta sociedade modelar tem duas saídas: o reconhecimento do erro acompanhado da regeneração ou a exclusão. Assim, vemos o pai violento que larga a bebida no momento em que o filho recebe uma medalha de honra ao mérito e nos

deparamos com o afastamento da escola, e da trama, do menino Franti, que não se enquadra nos padrões sociais estabelecidos. O garoto não se adapta por ter má índole, por sua perversidade, por seu riso de escárnio. Franti não se subjuga nem mesmo frente aos apelos do generoso professor, único que inicialmente lhe dirige o olhar com benevolência.

Apenas uma pessoa poderia rir enquanto Derossi falava dos funerais do rei, e Franti riu. Eu o detesto. É mau. Quando um pai vem à escola dar alguma bronca no filho, ele debocha; quando alguém chora, ele ri [...] Não tem medo de nada, ri na cara do professor, rouba quando pode, mente com a maior desfaçatez, está sempre brigando com alguém, leva alfinetes para a escola a fim de espetar os colegas, arranca os botões da própria jaqueta e também os dos outros e joga tudo longe [...] Dizem que a mãe anda doente por causa dos problemas que ele cria, e que o pai o expulsou de casa três vezes. E, de vez em quando, a mãe vem pedir informações e sempre vai embora chorando. Ele odeia a escola, odeia os colegas, odeia o professor. O professor finge não ver suas trapalhadas e ele faz ainda pior. Tentou trata-lo bem e ele debochou. Disse-lhe palavras duríssimas e ele cobriu o rosto como se chorasse e ria. Foi suspenso da escola por três dias e voltou mais perverso e insolente que antes (DE AMICIS, 2011, p. 104).

Entretanto, mesmo o tolerante mestre o abandona à própria sorte, pois a escola-sociedade ideal expurga suas fileiras dos indivíduos que questionam seu funcionamento. Suas atitudes e seus sentimentos dúbios e questionáveis não tem lugar naquele espaço. Ele é expulso da escola e seu destino só é ligeiramente mencionado “Franti não volta mais porque vai para o reformatório Ergastolo” (*idem*, p.171). Daquele momento em diante, nada mais é dito. A dimensão humana não é tratada com maior rigor ou profundidade, as perturbações da alma não contribuem com a formação do novo homem italiano; dentro de seu projeto de criação de uma consciência nacional, o autor preconizou valores e comportamentos positivos encaixando-os no tripé família-escola-trabalho, a base da sociedade por ele idealizada. Neste sentido, Franti não se encaixando em nenhum dos três componentes é arbitrariamente eliminado, ao contrário de outros infratores que infringiram somente um destes componentes, como, p. ex., o pai alcóolatra que batia no filho. O homem pecou “apenas” contra a família, além do que, as faltas cometidas por jovens parecem ser mais graves, já que o futuro da recém-constituída nação depende desta geração vindoura.

Na obra *O Ateneu* não há o apagamento da perversidade dos instintos. A violência, a manipulação, a luta pela sobrevivência naquele meio hostil no qual o homossexualismo figura como expressão de domínio, além do constrangimento e dos castigos impostos por quem detém o poder – estas sendo práticas que permeiam e compõem a história. A maior vítima da subjugação imputada aos alunos é Franco³, o menino que desafia os preceitos da hierarquia oficial e as regras de funcionamento da hierarquia paralela. Ele é o bode-expiatório, é quem carrega as culpas do mundo-escola, mas o menino não resiste aos castigos que o sistema lhe impõe, ele adocece e morre.

A essência humana, em *O Ateneu*, é exposta sem maiores reservas; sobre Franco, o garoto que atravessa o ano “de joelhos como um penitente expiando a culpa de uma raça” (p. 28), incidem visadas

³ Possível alusão a Franti, já que a proximidade entre os dois nomes é evidente.

diversas: a de Aristarco e do corpo de professores é condenatória, a de Sérgio flutua entre a complacência e a recriminação.

O diretor chama-lhe cão, diz que tem calos na cara. Se não tivesse calos no joelho, não haveria canto do Ateneu que ele não marcasse com o sangue de uma penitência. [...]. Perto de mim vi o Franco. Sempre de penitência; em pé, cara contra a parede. Como Silvino dava-lhe as costas, divertia-se a pegar moscas para arrancar a cabeça e ver morrer o bichinho na palma da mão. Perguntei-lhe por que estava de castigo. Sem olhar, de mau modo: “Lá sei! Disse ele. Porque me mandaram”. E continuou a pegar moscas. Franco era um rapazola de quatorze anos, raquítico, de olhos pasmados, face lívida, pálpebras pisadas. À frente, com a expressão vaga dos olhos e a obliquidade dolorida dos supercílios, pousava-lhe uma névoa de aflição e paciência, como se vê no *Flos Sanctorum*. A parte inferior do semblante rebelava-se; um canto dos lábios franzia-se em contração constante de odiento desprezo. Franco não ria nunca. Sorria apenas, assistindo a uma briga séria, interessando-se pelo desenlace como um apostador de rinha, enfurecendo-se quando apartavam. Uma queda alegrava-o, principalmente perigosa. Vivia isolado no círculo da excomunhão com que o diretor, invariavelmente, o fulminava todas as manhãs, lendo no refeitório perante o colégio as notas da véspera. Os professores já sabiam. À nota de Franco, sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa desta aproveita-se como *bibelot* de ensino intuitivo, explora-se como a miséria do hilota, para a lição fecunda do asco. A própria indiferença repugnante da vítima é útil. Três anos havia que o infeliz, num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido, esmagado sob o peso das virtudes alheias mais que das próprias culpas, ali estava - cariátide forçada no edifício da moralização do Ateneu, exemplar perfeito de depravação oferecido ao horror santo dos puros (POMPEIA, 1997, p.29,30).

Ao contrário de Franti que é eliminado da trama por não servir aos propósitos formativos da Escola Baretti (reforçando, o jovem desrespeita os três pilares da sociedade proposta em *Cuore*: ele não estuda nem respeita seu professor, ele rouba e não trabalha, ele faz sofrer a mãe), Franco é manipulado à feição de exemplaridade, tal qual um escravo no tronco “de joelhos neste ponto, Franco, ao pelourinho: diante das chufas dos maus e da alegria livre de todos” (*idem*, p. 51). Para Aristarco, ele é uma peça fundamental de seu engenho: se limitado ou preguiçoso intelectualmente, se largado ao sabor do destino pelo pai, ele é o inocente útil que serve aos desígnios do ambicioso diretor para manter a grande estrutura do Ateneu sob seu jugo e a serviço de sua vaidade.

Quando Franco (o garoto de nome ligado também ao país tão caro ao imperador e aos seus) não resiste mais à exploração de sua triste existência e morre, toda a estrutura acaba por ruir. A cariátide-menino não sustenta mais o edifício do Ateneu, assim como as cariátides-escravos não vão mais sustentar a estrutura econômica do Império, que está em vias de desmoronar – há que se lembrar do ano em que foi escrito *O Ateneu*, 1888, ano da Abolição da escravatura. Américo, o jovem recém-chegado ao colégio que não se submete aos desígnios da hierarquia oficial, provoca um incêndio de grandes proporções que põe abaixo a maior parte do grande Ateneu.

Vincular a imagem do Ateneu à do Império corrobora com a ideia de que o universo criado por Raul Pompeia repete em sua engrenagem o funcionamento da sociedade imperial. Os mesmos vícios e

conchavos, os mesmos favorecimentos, a mesma distribuição dentro da hierarquia e, pensando na figura de Franco, a mesma organização econômica baseada na exploração de outrem. Os alunos oriundos de famílias de menor prestígio são preteridos em relação aos da elite agrária e política, e os mais fracos, como foi o caso de Franco, são abandonados à própria sorte, repetindo assim a prática amplamente adotada naquele momento em relação aos ex-escravos. Foi preciso que o novato Américo, de “robustez não comum”, rompesse a ordem provocando o destronamento do imperador Aristarco.

Deixando um pouco de lado os pontos específicos na relação com o objeto foco de nossa análise, e no sentido já de encaminhar a conclusão deste trabalho, é possível vislumbrar dois movimentos diversos no âmbito das obras. Em *Cuore*, existe a preocupação em projetar uma sociedade ideal a partir da escola, na qual os meninos serão os condutores da nova ordem e esta será norteadada por preceitos de igualdade, bem de acordo com a vontade do autor socialista, num movimento que poderia ser denominado “da escola para o mundo”. Assim, a valorização dos bons sentimentos e de uma conduta exemplar, preconizada durante todo o desenrolar da história, justifica-se no sentido de que a obra tem por objetivo a formação do novo cidadão italiano a partir das fileiras da escola, o meio adequado para a difusão dos ideais patrióticos. Edmondo De Amicis estava ciente disso quando escreveu *Cuore* destinando-o aos leitores em idade escolar.

Já em *O Ateneu* identificamos o movimento inverso: o colégio é o microcosmo que reproduz a estrutura social e econômica e também as práticas de todo tipo adotadas pela sociedade de modelo imperial. Assim sendo, pode-se reconhecer uma ação contrária: “do mundo para a escola”. *O Ateneu*, retratando o internato-rito de passagem que de maneira sensível representa o amadurecimento de Sérgio, reproduz também em suas linhas a força que exerciam as instituições ligadas ao Império e as transformações que vinham ocorrendo no país que culminariam com a Abolição da escravatura e a Proclamação da República; transformações que, finalmente, desembocariam no amadurecimento do país.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras *Cuore* e *O Ateneu* apresentam vários pontos convergentes que, mesmo abordados de formas distintas em algumas oportunidades, vêm reforçar a ideia defendida neste trabalho de que Raul Pompeia leu o livro de Edmondo De Amicis. A referência direta – *infância célebre* – por si só já remonta à leitura da obra italiana por parte do brasileiro, no entanto, outros sinais são detectáveis ao longo de uma leitura atenta de *O Ateneu*.

Os dois protagonistas são meninos por volta de onze anos que narram etapas da vida escolar. O que os difere é o tempo da escrita, Enrico narra no tempo presente e Sérgio narra suas memórias. Em consequência disso, a visão de Enrico é permeada pela inocência própria da idade, ao passo que Sérgio imprime em seu relato o olhar do adulto, analisando a maioria dos acontecimentos com um misto de sarcasmo e rancor. A doce *infância célebre*, em *O Ateneu*, não poderia mesmo ser construída, a passagem

pelo internato retira a carga de inocência infantil de Sérgio e o homem que ele se torna não tem mais condições de narrar suas memórias sem imprimir as marcas que o período lhe deixou.

As duas narrações são em primeira pessoa e os acontecimentos se encadeiam por conta do período escolar, não existindo uma trama com nó e desenlace. Embora a obra de Pompeia não tenha sido disposta como um diário – forma que é adotada em *Cuore* – o subtítulo “crônicas” dá a ideia de relato sistemático de acontecimentos miúdos, o que aproxima as duas obras.

Nas duas histórias figuram alunos de diversas partes dos dois países, mas por motivos e com propósitos diferentes. No Ateneu, são meninos filhos da oligarquia que são mandados em busca da melhor formação no renomado colégio, ao passo que na Escola Baretti o fato se deve ao processo de unificação italiana, valorizado por De Amicis. O primeiro é um colégio particular e pago, sendo que as mensalidades em dia são determinantes do tipo de tratamento dado ao aluno. A escola italiana é pública e todos tem acesso sem restrição alguma.

Nas duas instituições estão presentes professores com os quais os alunos se identificam. Em *O Ateneu* o pensamento do professor Cláudio toma importância, pois é com ele que o adulto Sérgio vai se identificar. O professor Perboni, de *Cuore*, é generoso e amigo, comportamento, aliás, que se repete entre o grupo de professores da escola italiana. Os diretores são bastante distintos, enquanto o da Escola Baretti quase não é citado – e, quando isto acontece, se tratam de situações em que ele age com um misto de justiça e candura. Já Aristarco Argolo de Ramos é figura central no enredo de *O Ateneu* e participa de momentos tensos da narrativa por conta da pressão psicológica decorrente da dura disciplina que inflige aos seus comandados.

No Ateneu, existem duas hierarquias, a oficial que é comandada com pulso forte e muito rigor por Aristarco e a paralela, composta pelos alunos e também regida pela força. No mundo de *Cuore*, há uma única hierarquia, respeitada por todos e à qual todos se sentem integrados. Um dos aspectos que mais aproxima as duas obras é a presença nas duas histórias de garotos com nomes muito semelhantes, que não se encaixam nas lógicas dos universos a que pertencem e que são eliminados das respectivas tramas. Franti, o menino italiano, jamais fez amizade na escola, é hostilizado por todos, somente o professor Perboni tenta uma aproximação, mas é refutado. Já Franco chega a ter a simpatia de Sérgio, que o vê como realmente é, um pobre diabo refém da estrutura acachapante do Ateneu.

Na obra de Pompeia, a figura feminina tem força através da personagem Ema, pela qual Sérgio nutre sentimentos confusos. Em *Cuore*, a mulher tem peso fundamental e vem associada ao papel duplo de mãe e trabalhadora. O trabalho, aliás, compõe o tripé que sustenta o argumento central da obra: a nova sociedade deve estar calcada em três fundamentos família-escola-trabalho.

A essência humana e suas contradições estão intrinsecamente ligadas à crítica que perpassa a história de *O Ateneu – Crônica de saudades*. Se escrita com intuito de dirigi-la ao seu antigo colégio, ou se direcionada principalmente ao Império que se esfacelava, o certo é que Raul Pompeia escreve uma obra inquietante, em que acerta na escolha da posição do narrador, já que Sérgio menino não teria condições de explorar os meandros da subjetividade humana como fez em adulto. Em *Cuore*, não há análise subjetiva

das personagens, o que está em jogo é a sociedade, e esta sim é foco de análise. A opção pelo narrador-menino retira da obra a possibilidade de reflexões profundas, pois estas soariam artificiais, o que revela mais um acerto do autor. A história foi dedicada aos leitores escolares, estratégia adotada com sucesso por De Amicis, almejando motivá-los na busca de uma sociedade mais justa naquele momento de construção da nação. A singela história de escola, no entanto, fez sucesso não só entre os jovens leitores, também serviu de inspiração para homens e mulheres de várias partes que estavam imbuídos de sentimentos patrióticos e cívicos. Um mais amargo, outro mais esperançoso, o certo é que os dois autores viviam uma época de grandes transformações e souberam registrar na ficção uma parcela do espírito daquele tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1972.

ARAÚJO, Homero Vizeu. **Machado de Assis e arredores**. Poá: Movimento, 2011

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Cuore, de Edmondo De Amicis. Um sucesso editorial** disponível em: www.portcom.intercom.org.br acesso de 20jan a 7fev 2014

BOSI, A. **O Ateneu, opacidade e destruição**. In: _____. Céu, inferno: ensaios críticos literários e ideológicos. RJ: Editora 34, 2003.

DE AMICIS, Edmondo. **Coração**. SP: Cosac Naify, 2011

ECO, Umberto. **Elogio di Franti**. In: *Diario minimo*: Mondadori, 1963, pp. 85-96. Disponível em: <ebbat.altervista.org/materiali/elogia.pdf> Acesso 20jan-7fev 2014.

FAETI, Antonio. **Um negócio obscuro – escola e romance na Itália**. In: MORETTI, Franco (org.) *A cultura do romance*. São Paulo: Ed Cosacnaify, 2009.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. POA: Klick Editora, 1997.

SCHWARZ, R. **O Atheneu**. In: _____. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.